



O APELO ÉTICO DO ROSTO HUMANO EM EMMANUEL LEVINAS¹

Carlos Eduardo S. Nascimento*

Resumo

O presente artigo busca descrever como Emmanuel Levinas analisou a questão do Rosto em suas implicações metafísicas e éticas na obra *Totalidade e Infinito*. No Rosto humano, a subjetividade é apresentada como um evento ético, constituindo-se como responsabilidade pelo Outro. É abordado o tema do apelo ético do Rosto, que altera a constituição da subjetividade humana por meio da responsabilidade por Outrem.

Palavras-chave: Rosto. Alteridade. Ética. Responsabilidade. Levinas.

Introdução

A finalidade do presente trabalho é compreender como Levinas desenvolveu o tema do Rosto a partir do apelo ético que ele comunica e, como um desdobramento, a implicação da responsabilidade que se dá a partir deste apelo ético manifestado no Rosto humano².

Levinas deixou uma vasta obra. Sem desconsiderar os livros, artigos e conferências que marcaram todo o percurso do primeiro período de sua produção, tomaremos como base de pesquisa a obra *Totalidade e Infinito*, que é considerada a mais madura³ do percurso filosófico de Levinas (DOUEK, 2011, p. 150). Nesta obra, percebe-se o esforço imensurável do filósofo lituano em descrever a relação de alteridade⁴ que não pode, jamais, em sua condição de infinito, ser reduzida, compreendida e totalizada. Muitos temas são abordados por Levinas em *Totalidade e Infinito*. Nossa investigação traça um recorte que busca compreender a originalidade irreduzível da alteridade no Rosto, a questão de sua transcendência e seu apelo ético.

¹ O presente artigo foi publicado originalmente em NASCIMENTO, Carlos Eduardo. O apelo ético do Rosto humano em Emmanuel Levinas. In: SALLES, Denise; ZARDIN, Lucas; SALLES, Sérgio. **Direitos Humanos e Interdisciplinaridade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2022, p. 267-281.

² Mais do que uma questão de diletantismo, preferimos colocar o vocábulo do “Rosto” em maiúsculo com o intuito de evidenciar seu estatuto ontológico, tema central do presente estudo, assim como os termos “Eu”, “Mesmo” e “Outro”, por derivação de sentido. Optamos também por manter os aspectos peculiares do português de Portugal, donde extraímos a maior parte das traduções das obras de Levinas, especialmente nas citações diretas.

³ Alguns comentadores identificam *Totalidade e Infinito* como obra-síntese de Levinas e outros a consideram a mais madura do conjunto de sua obra até *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, de 1974.

⁴ Nossa posição é a de que o tema da alteridade é a principal problematização para Emmanuel Levinas. A questão entre o Mesmo e o Outro desafia sobremaneira a filosofia, uma vez que provoca nela uma espécie de “corte epistemológico” em seu percurso e “em seu próprio sentido ser, em vista de hoje do “sentido inter-humano” (COSTA, 2000, p. 110).



Para avançarmos na análise do Rosto⁵ e de seu apelo ético, é importante ter presente que Emmanuel Levinas é considerado um exímio comentador de Husserl e Heidegger. Essa é a base de sua investigação filosófica. A experiência com o absurdo do nazismo também influenciou sua pesquisa. Depois dos horrores da Guerra, Levinas começa a pôr em questão certa periculosidade do pensamento e evidenciando, paulatinamente, a questão da alteridade (LEVINAS, 2015, p. 296).

O ponto de partida de suas análises pode ser sintetizado nas seguintes questões: Como se dá, na investigação levinasiana, a experiência do Outro em minha consciência?; até que ponto é possível alcançá-lo e com que parâmetros?; A partir da preeminência ética frente à ontologia, como Levinas, um estudioso de Husserl e Heidegger, percorre o caminho da fenomenologia do Rosto e chega à questão ética implicada no Rosto? Circunscrito, como já dissemos, na obra *Totalidade e Infinito*, nosso estudo será norteado por tais questões buscando descrever o estatuto originário da alteridade, que sempre ocupou lugar de centralidade na reflexão levinasiana e alcança, no apelo ético do Rosto, o seu ápice, foco da nossa pesquisa.

A presente análise segue, como pano de fundo do estudo, a pontuação feita por François Poirié (2007, p.16), que considera três momentos da reflexão levinasiana sobre “ir em direção a Outrem”: a irredutibilidade do Outro, o primado da ética e a afirmação de uma subjetividade responsável. Considerando essas pontuações como proposta de percurso, o ponto de partida será a descrição de alguns dos principais aspectos do método fenomenológico de Levinas, evidenciando, em seguida, a temática do Rosto e de seu apelo ético.

A Alteridade como Rosto

Para Levinas, o Rosto não é um símbolo, ou uma figuração, ou uma simples metáfora⁶.

⁵ Etelvina Nunes observa, em sua obra *O Outro e o Rosto* [OR], de 1993, que “o Rosto surge em Levinas carregado de tal significado que se apresenta numa posição em relação à terminologia usual e, ao mesmo tempo, como uma “nova categoria filosófica” (NUNES, 1993, p. 33). Segundo a autora, antes de uma análise sistemática é necessário colocar a seguinte questão: como teria chegado Levinas a uma elaboração de tal conceito? Seria uma conceitualização nova? Seria a filosofia capaz de exaurir a significação de tal conceito ou teremos que recorrer a outras fontes? Segundo a autora, “etimologicamente a palavra francesa *visage*, que aqui traduzimos por *rostro*, remonta ao século XI e deriva do latim *visus*, que significa aparência ou aspecto” (OR, p. 33, grifos nossos).

⁶ J. Derrida comenta que “o Rosto não é uma metáfora, não é uma figura. O discurso do Rosto não é uma alegoria (...). O Rosto é presença, pois nele não significa nem assinala nada além de si próprio. O Rosto não é signo de outra coisa, mas ausência de medida pois somente o Outro, totalmente outro, pode se manifestar (...) numa certa não-manifestação e numa certa ausência. Somente dele se pode dizer que seu fenômeno é uma certa não-fenomenalidade, que sua presença (é) uma certa ausência (DERRIDA, 2016, p. 143-144).



O Outro, em Levinas, ultrapassa a esfera do Mesmo⁷ e é pela sua condição de infinito que o Outro é absolutamente outro, destruindo em cada instante e ultrapassando toda imagem plástica que lhe deixa (LEVINAS, 2015, p. 36)⁸. Isso significa que, pela estrutura da consciência, ocorre uma inadequação⁹, uma vez que pensar o Estrangeiro não é o mesmo que pensar um objeto, não podendo ser compreendido como figura, fisionomia ou um simples retrato. Ocorre uma espécie de transgressão na interioridade pela ideia de infinito. “Trata-se de uma relação em que o Mesmo se encontra diante do Outro numa situação de *face a face*¹⁰, que coloca no Eu a Ideia de infinito” (FABRI, 1997, p. 95). Portanto, o conceito de Rosto pode ser compreendido como “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia de Outro em mim (LEVINAS, 2015, p. 21).

A descrição da relação entre o Mesmo e o Outro constitui um tema basilar nas pesquisas de Levinas em *Totalidade e Infinito* (LEVINAS 2015, p. 29). Nessa descrição, dois conceitos que Levinas introduz na primeira Seção da obra, antes de aprofundar o tema do Rosto na Terceira Seção, são as noções de *altura* e *distância*. Segundo Levinas, é preciso um Eu para que a alteridade se produza no Ser e só pode haver uma relação pelo percurso de uma distância (LEVINAS, 2015, p. 26). “O poder do Eu não percorrerá a distância indicada pela alteridade do Outro. O Outro, em sua condição de transcendência, marca no mesmo uma

[...] dimensão de altura manifestada por Outrem. Por conseguinte, a dimensão de altura em que Outrem se coloca é como que a inflexão primeira do ser a que está ligado o privilégio de Outrem, o desnivelamento da transcendência. Outrem é metafísico. Outrem não é transcendente porque seria livre como eu. A sua liberdade, pelo contrário, é uma superioridade que vem da sua própria transcendência. (LEVINAS, 2015, p. 76, grifo do autor).

⁷ Na filosofia levinasiana a identificação do Eu, a qual se caracteriza como Mesmo em muitos momentos de seus textos, possui duas dimensões, a saber: em um primeiro momento por sinalizar que o Mesmo se apresenta por um pensamento universal, por outro lado, a identidade universal do Eu sinaliza a sua radical diferença apresentada na sua interioridade. Apesar disso, a identidade não deve partir da representação, mas sim, da relação que o Eu tem com o mundo (MASLOWSKI, 2021, p.81).

⁸ A questão do Rosto, ao modo como Levinas abordou, exigiria um pequeno aprofundamento sobre o método fenomenológico que Levinas elaborou, a fim de aprofundarmos a noção do Rosto à sua maneira, mas ultrapassaria os limites a que nos propusemos neste artigo. Importante neste ponto comentar que Ricardo Timm de Souza prefere introduzir o conceito de *metafenomenologia* como pesquisa do fato em que se constitui a provocação do Infinito ético ao sujeito e à história apresentando a estruturação da consciência não-intencional descrevendo o percurso que começa na fenomenologia e parte na direção do enigma. Segundo Timm de Souza, a Filosofia não é mais autoglorificação do pensamento. Ela foi atingida por um choque fundamental que a tornou *recepção* à realidade recém-chegada. A metafenomenologia é a pesquisa metódica do encontro dessa novidade (TIMM DE SOUZA, 1999, p.76-77).

⁹ A inadequação demonstrada por Levinas como “desanalogia” entre o Rosto e os outros objetos alcançados pela consciência, deixam claros que o Outro, na aproximação estabelecida por meio do seu Rosto, pode envolver-me de um modo que os objetos não podem, pois, o Outro permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho. (CERBONE, p. 215, grifo nosso).

¹⁰ Segundo Jaques Derrida (2016, p. 143-144) “a face só é Rosto no *face a face*”.



Para Levinas, o absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo e escapa ao meu poder de poder. Levinas chama de ética uma certa desproporção que evidencia uma “impugnação da minha espontaneidade¹¹ pela presença de Outrem”, ou seja, a estranheza de Outrem – a sua irredutibilidade a mim, aos meus pensamentos e às minhas posses – realiza-se precisamente um pôr em questão da minha espontaneidade como ética (LEVINAS, 2015, p. 30).

Para Levinas, a descrição do Rosto não se mantém, portanto, nos estritos limites de uma fenomenologia, se entendemos por isso, como Husserl, de quem ele se reclama frequentemente, um esforço para descrever um fenômeno – no presente caso, o Rosto – tal como ele se dá a uma consciência que o visa e tenta delimitar a essência através de uma multiplicidade de abordagens. (CHALIER, 1993, p. 118).

Em suma, este Rosto pode ser conhecido de tal maneira, que não superará a descrição que aquele que o percebe faz. Ele é percebido assim como o é a mão, o cabelo e todo o resto do corpo físico. (LEVINAS, 2007, p. 69). “O Rosto é significação, e significação sem contexto”, argumenta Levinas (2007, p. 70). Isso significa que não há contexto porque o Rosto está além do mundo¹². Na abertura da Terceira Seção de *Totalidade e Infinito*, Levinas coloca a questão: “O Rosto não será dado à visão?” Respondemos com o mesmo argumento dado a Philippe Nemo em *Ética e Infinito*: “o Rosto não pode ser visto. Ele não é o que se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria. É o incontível, leva-nos além”. (LEVINAS, 2007, p. 70). Isso quer dizer que a visão, a cognição, buscarão uma adequação, mas a relação com o Rosto, num primeiro momento, é ética.

A noção do Rosto, percorrida em toda obra *Totalidade e Infinito* abre outras perspectivas, diz Levinas, conduzindo-nos a uma noção de sentido anterior à cognição minha *Sinnggebung*” e, desse modo, independente da minha iniciativa e do meu poder. O Rosto contra toda ontologia contemporânea, traz uma noção de verdade que não é o desvendar de um Neutro impessoal, mas uma *expressão*. Como já dissemos acima, o Rosto de Outrem destrói a em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me

¹¹ Para Emmanuel Levinas, a partir do Rosto de Outrem é colocada em questão essa feliz espontaneidade do “eu” como uma jubilosa força que vai. É o Rosto de Outrem que fornece o sentido ético, moral da minha existência, implicando-me na responsabilidade. No Rosto sou intimado a *ser-com-o-Outro*, a *ser-para-o-Outro*. Portanto, a partir de Levinas, o “Eu não é mais uma entidade ontológica voltada sobre si, mas aquele que tem relação com o Outro”, e se percebe por ele responsável (POIRIÉ, 2007, pp. 28. 92-93, grifo nosso).

¹² Em *Totalidade e Infinito* Levinas esclarece que é possível matar a carne, mas não o Rosto, pois o “Rosto não é do mundo” (LEVINAS, 2015, p. 177).



deixa. O Rosto, portanto, manifesta-se para *além da forma*, e *exprime-se*, vem do exterior e traz-me mais do que eu contendo (LEVINAS, 2015, pp. 37-39, grifo nosso).

A relação com o Rosto, portanto, tem um estatuto privilegiado em Levinas. O autor insiste no caráter vulnerável do Rosto – a parte do corpo humano mais nua e mais exposta às violências. (CHALIER, 1993, pp. 112-117). O Rosto, como vimos é epifania, uma revelação. Seu apelo ético é uma comunicação que convoca o sujeito (o Mesmo) à responsabilidade. É o que abordaremos no capítulo que segue.

O Rosto e seu Apelo Ético

Levinas, esforçando-se para empreender um outro modelo de investigação fenomenológica, como já comentamos, propôs no caminho de “redução ética”, uma suspensão de todo elemento ontológico do pensamento, a fim de que se abra e acolha, fundamentalmente, o “Outro” em sua manifestação, o que ele passou a chamar de *epifania*. (LEVINAS, 2015, pp. 114-118, grifo nosso). Na linguagem do próprio Levinas, “a epifania do Rosto é a ética” (2015, p. 161). Essa epifania quer apresentar a noção de Rosto como uma voz¹³, como comunicação, uma significação que quer dizer “não matarás” (DOUEK, 2011, 161).

No Rosto habita uma dupla inscrição: uma ordem e uma súplica¹⁴. O Rosto é nudez e vulnerabilidade que perturba e instiga o sujeito à violência ao mesmo tempo que pede compaixão, um pedido que se transforma num mandamento, numa ordem. (DOUEK, 2011, p. 163). Ao se apresentar em sua fragilidade e precariedade, o Rosto exige uma resposta. É aqui que se encontra a relação ética entre o Outro e o Mesmo, ou seja, o infinito presente no Rosto humano supera em força o assassinio como uma resistência que comunica: “não matarás”¹⁵, suscitando a possibilidade de medir a desproporção desse infinito e da pretensão de captura pela racionalidade¹⁶. Nas palavras

¹³ Assim como outros comentadores, a autora usa uma expressão que não é bem o termo usado por Levinas. Mais adequado que “voz” seria linguagem”. O sentido, portanto, encontramos com o próprio Levinas que diz: “A expressão que o Rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o poder de poder. O Rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que, entretanto, o delimita. O que quer dizer concretamente: *o Rosto fala-me* e convida-me, assim, a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição, quer seja conhecimento (LEVINAS, 2015, p. 192, *grifo nosso*).

¹⁴ A tentação do assassinio e a impossibilidade do assassinio constituem a própria visão do Rosto e a resistência que ele opõe chama-se ética (LEVINAS, 2015, p. 173).

¹⁵ Segundo Chalier (1993, p. 114), a resistência ética manifestada no Rosto de Outrem àquele que o humilha, ignora ou violenta não tem semelhança com as coisas do mundo. A Resistência ética do Rosto, impotente para se defender e se proteger da violência que o ameaça é, efetivamente, de outra ordem. “Ele não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder” (LEVINAS, 2015, p. 172).

¹⁶ Levinas faz uso da terminologia bíblica *epifania* para descrever que o infinito se manifesta, paralisando qualquer poder totalitário e totalizante.



de Levinas, o “Rosto é ética” (LEVINAS, 2015, p. 178). Como uma voz inaudível, é como se o Rosto apelasse em outras palavras: “mantenha-me vivo”.¹⁷

A aspiração à exterioridade radical, chamada por tal motivo metafísica, o respeito dessa exterioridade metafísica que é preciso, acima de tudo, ‘deixar ser’ – constitui a verdade. Ela anima este trabalho e atesta a sua fidelidade ao intelectualismo da razão. Mas, o pensamento teórico, guiado pelo ideal da objectividade, não esgota tal aspiração. Fica aquém das suas ambições. Se as relações éticas devem levar – como este livro mostrará – a transcendência ao seu termo, é porque o essencial da ética está na sua intenção transcendente [...] A ética, já por si mesma, é uma ‘óptica’. [...] A oposição tradicional entre teoria e prática desvanecer-se-á a partir da transcendência metafísica em que se estabelece uma relação com o absolutamente outro ou a verdade, e da qual a ética é a via real. [...]. Correndo o risco de parecer confundir teoria e prática, tratamos uma e outra como modos da transcendência metafísica. A confusão aparente é desejada e constitui uma das teses deste livro. (LEVINAS, 2013, p. 15-16, grifo do autor).

Fica claro que Levinas descreve o Rosto como uma linguagem, um discurso, um “dizer”¹⁸, e essa comunicação tem, em si, um apelo ético (COSTA, 2000, p. 130). Nessa noção do apelo ético do Rosto, Levinas faz uma ligação do Rosto à ideia de vestígio de Deus. Numa conversação inédita entre a Grécia e Jerusalém (LEVINAS, 2007b, p. 12), propondo uma reflexão carregada de originalidade, uma vez que Deus na tradição judaico-cristã não se revela, a não ser pelo vestígio¹⁹.

Sebbah (2009, p. 20) recorda que o Rosto, corresponde, em Levinas, ao que é propriamente *o humano*: a significação brota diretamente dessa carne, na nudez²⁰ do que, desde então, é o Rosto. Para ele, é no Rosto que se encontra o verdadeiro sentido, ainda

¹⁷ Uma outra forma de dizer “Não matarás” segundo Levinas em *Transcendência e Inteligibilidade* é: “Tu farás tudo para que o Outro viva” (LEVINAS, 1984, p. 41).

¹⁸ Para Levinas em *Totalidade e Infinito*, a distância permanece, mas a palavra chega. “Face a face com o Outro num olhar e numa palavra que mantém a distância e interrompem todas as totalidades” (DERRIDA, 2015, p. 150-151). O tema da linguagem é caro a Levinas e exigiria um aprofundamento específico. Recomendamos o texto *Violência e Metafísica* de Jaques Derrida.

¹⁹ O rosto, como vestígio, ao pressupor a fenomenalidade, procura mais que nunca desestabilizá-la e evitá-la, a ética levinasiana pressupõe a fenomenologia de tal maneira que romper com o fenomenológico equivale a apegar-se a ele, a preocupar-se com ele. Lévinas nos ensina que a ética é interrupção da fenomenologia; no entanto, pelo mesmo impulso, ele nos ensina também que essa interrupção constitui, por assim dizer, o cerne do fenomenológico como tal – e não seu além definitivo. (SEBBAH, 2009, p. 147).

²⁰ Segundo Levinas, “o Rosto na sua *nudez de rosto* apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro; mas essa pobreza e esse exílio que apelam para os meus poderes visam-me, não se entregam a tais poderes como dados, permanecem expressão de Rosto. [...]. Outrem já seve. Junta-se a mim. Mas junta-me a ele para servir, ordena-me como um Mestre. Ordem que só pode dizer-me respeito na medida em que eu próprio sou mestre, ordem, por conseguinte, que me ordena que mande. [...] A presença do Rosto – infinito do Outro – é indigência, presença do terceiro (isto é, de toda a humanidade que nos observa) e ordem que ordena que mande. Por isso, a relação com outrem ou discurso é não apenas o pôr em questão da minha liberdade, o apelo que vem do Outro para me chamar a responsabilidade, não apenas a palavra pela qual me despojo da posse que me encerra, ao enunciar um mundo objectivo e comum, mas também a pregação, a exortação, a palavra profética” (LEVINAS, 2015, p. 208).



que os homens possam esquecê-lo. Depois de considerar como o Rosto se apresenta fenomenologicamente, passamos à tarefa mais urgente e necessária, que consiste em “despertar para o apelo do Rosto – o que constitui, em certo sentido, a própria tarefa da Filosofia de Levinas” (SEBBAH, 2009, p. 21).

Em *Totalidade e Infinito*, Levinas explicita que o Outro se manifesta através do Rosto e em sua condição de infinito e, simultaneamente, precária e nua, chamando o sujeito à responsabilidade. No *face a face*, estabelece-se uma relação ética que “subtende o discurso” (LEVINAS, 2015, p. 195). É no Rosto humano, portanto, que se evoca a ideia “desse infinito, mais forte que assassinato”, que “já nos resiste em sua face”, e “essa face é a expressão original, é a primeira palavra: ‘não matarás’ ” (LEVINAS, 2015, p. 199).

Não Matarás

O Infinito se manifesta com um mandamento no Rosto do Outro: “Não matarás!”, é a primeira palavra do Rosto (LEVINAS, 2007, 72). Outrem se manifesta não “como se fizesse parte de um todo – mas a própria transcendência do seu ser em relação ao todo.” (LEVINAS, 2015, p. 193). Levinas deixa claro em *Totalidade e Infinito* que a violência, portanto, é a negação total do que excede o Mesmo, da alteridade. Sua resistência ética é expressão, portanto, é um *dizer*. O Infinito que diz, “não matarás” no primeiro momento de seu aparecer, que não se apenas na esfera do sensível, mas no metafísico, no discurso, paralisa, como diz Levinas, o poder do assassinio. Este se depara com o Infinito do Outro, que ultrapassa o sensível, e que não se pode conter as mãos do assassinio. Levinas esclarece que não conseguirá, o assassinio, abarcar o Infinito totalmente, mas sua tentativa é a violência, a aniquilação de Outrem.

Esse infinito, mais forte do que o assassinio, resiste-nos já no seu rosto, é o seu Rosto, é a *expressão* original, é a primeira palavra: “não cometerás assassinio”. O infinito paralisa o poder pela sua infinita resistência ao assassinio que, duro e intransponível, brilha no rosto de outrem, na nudez total dos seus olhos, sem defesa, na nudez da abertura absoluta do transcendente. (LEVINAS, 2015, p. 193)²¹.

A originalidade de Levinas consiste em propor um tipo de abertura ao Outro que desfaz a totalidade. “Este questionamento de minha espontaneidade pela presença de Outrem é designado ética” (LEVINAS, 2015, p. 13). Fica ainda mais evidente, portanto,

²¹ Importante esclarecer neste ponto que a resistência ética não é uma disputa de forças, da verificação de quem tem força maior. Segundo Levinas, o que ela opõe é uma transcendência do ser pelo seu infinito, capaz de paralisar o próprio poder de mata-lo (LEVINAS, 2015, p. 178). “O Rosto é, por assim dizer, o próprio mandamento “não matarás” (DOUEK, 2011, p. 161).



o que a perspectiva de Levinas apresenta na contraposição dos conceitos de *totalidade* e *infinito*, a maneira como elas se diferem: a primeira é puramente teórica, a outra é moral (LEVINAS, 2015, p. 73). O que isto quer dizer? Levinas mesmo nos explica: o antagonismo proposto por ele no uso dos termos *Totalidade* e *Infinito* pretende evidenciar a desproporção entre o “infinito” e “meus poderes”. Em outras palavras, Levinas sublinha a resistência do Rosto humano: “a expressão que o Rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o poder de poder” (LEVINAS, 2015, p. 192). Outrem pode opor-se a uma luta, isto é, à força que o ataca. Opõe-me, não a uma força maior – uma energia avaliável e que se apresenta, por conseguinte, como se fizesse parte de um todo, mas a própria transcendência do seu ser em relação ao todo; não como qualquer superlativo de potência, mas, precisamente o infinito de sua transcendência. Este infinito, mais forte que o assassínio, resiste-nos já no seu Rosto, e é no seu Rosto, em sua expressão original, que se apresenta a primeira palavra: “não cometerás assassínio” (LEVINAS, 2015, p. 193, grifo nosso).

O Outro, portanto, não está na medida da nossa consciência, como foi demonstrado em *Totalidade e Infinito*. Levinas se distancia ainda mais da linguagem ontológica e escolhe a ética como linguagem²². O Outro passa a ser percebido em seu corpo como carne desamparada, pele nua e sedenta de amparo, cuidado e justiça.

A proximidade do Outro é sempre inatingível e interrompe a consciência transcendental, ou seja, suspende a pretensão reducionista da consciência, embaraçando o processo totalizante da tematização²³ (RIBEIRO, 2015, p.100). Sendo, portanto, a alteridade irreduzível à consciência pelo prisma da proximidade, a subjetividade se vê impactada em sua sensibilidade, para além dos elementos constitutivos da ontologia, fazendo com que a responsabilidade não seja um mero atributo, mas uma constituição ética de sua construção.

Catherine Chaliier comenta que, em *Totalidade e Infinito*, Levinas aborda o assassínio dominador de Outrem como aquele que exerce um poder sobre aquilo que escapa ao seu poder. “Apesar do assassínio constituir a tentação daquele que não se submete à pura lei da perseverança no ser a um valor mais alto, ele está, todavia, proibido, em nome de um Bem que transcende o ser e o julga” (CHALIER, 1993, p. 114).

²³ Para Levinas, a tematização e a conceptualização não deixam de ser uma manifestação do “Eu penso” que redundando no “Eu posso”. Elas não são “paz com o Outro, mas supressão ou posse do Outro” (LEVINAS, 2015, p. 33). Cf. a obra *Totalidade e Infinito* [TI].



“Esta tentação do assassínio e a impossibilidade do assassínio, constituem a própria visão do Rosto”, diz Levinas, “e a resistência que ele opõe chama-se ética” (LEVINAS, 2015, p. 193). O assassínio está em vista de algo de que pode se apoderar, mas ele se depara face a face com a transcendência absoluta de Outrem, sua tentativa é dominar a Outrem, mas ele falha, pois este lhe escapa.

A responsabilidade pelo Rosto de Outrem

Podemos concluir nesta etapa do nosso estudo que, para Levinas, não se pode fugir da exposição do Rosto e da vocação à responsabilidade por ele, e que, a única maneira de relacionar-se com ele, é sendo por ele responsável. Este capítulo buscará abordar o tema da responsabilidade como resposta do sujeito ao Rosto que o interpela.

Sendo a alteridade irreduzível à consciência, a subjetividade se vê impactada em sua sensibilidade, para além dos elementos constitutivos da ontologia, fazendo com que a responsabilidade não seja um mero atributo, mas uma constituição ética de sua construção. Para Levinas (TI, p. 303), “Só um Eu pode responder à imposição de um Rosto”.

Quando foi questionado por Philippe Nemo a respeito da responsabilidade que o Outro tem sobre mim, Levinas respondeu: “Isto é assunto dele. Sou responsável por Outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me custe a vida”. Mais adiante, nesta mesma resposta, cita uma conhecida frase de Dostoievsky: “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais que os Outros” (LEVINAS, 2007b, p. 84). Surge, portanto, ainda em *Totalidade e Infinito* a compreensão de que, dentro da economia do Ser, a preocupação com o Rosto vai até o máximo de sua responsabilidade por ele, que consiste numa responsabilidade que se estende ao sacrifício de morrer por ele, como “um outro modo que ser” (LEVINAS, 2015, p. 299).

Em *Totalidade e Infinito*, portanto, a subjetividade foi (re)apresentada como realização de exigências impossíveis: “o fato surpreendente de conter mais do que é possível conter”, ou seja, “a subjetividade como acolhimento de Outrem, como hospitalidade” (LEVINAS, 2015, p. 14). A partir do encontro com o Rosto, a consequência dessa perspectiva ética de responsabilidade é uma nova compreensão da subjetividade, que surge nesse horizonte filosófico, “sujeitada” ao Outro, ou seja, possuindo um estatuto de ser sujeito-para-com-Outrem.

Segundo Sebbah (2009), na conclusão de *Totalidade e Infinito*, pode-se ler: “a ética é a filosofia primeira”. Levinas pensou uma responsabilidade que antecede a



liberdade, uma ética que não é apenas uma área do conhecimento filosófico, por isso é a filosofia primeira. Toda essa investigação, que partiu de uma descrição fenomenológica, ao modo de Levinas (2015, p. 297), nos leva a compreender essa reconfiguração ética da subjetividade: “o sujeito é um hóspede”. Para Levinas (2015, p. 303), “Só um Eu pode responder à imposição de um Rosto”. Nesta resposta ao Outro²⁴, podemos afirmar que esse caminho ético, assegurado por Levinas em sua reflexão filosófica, parte desse princípio de base: a transcendência, ou seja, o infinito, rejeita precisamente a totalidade e torna a Subjetividade do Mesmo constituída de responsabilidade (LEVINAS, 2015, p. 289, grifo nosso).

Considerações Finais

À guisa de conclusão, podemos afirmar que encontramos na noção do Rosto um novo sentido ético-filosófico do entendimento da subjetividade, que ultrapassa os limites metodológicos da fenomenologia. Afetada pelo infinito do Outro na dinâmica da alteridade, subjetividade é desestabilizada pelo compadecimento ao Outro que sofre (PELIZZOLI, 2002, p. 223). Na presente pesquisa, constatamos que, na linguagem que abre *Totalidade e Infinito*, o Ser se revela precisamente como guerra no pensamento filosófico (LEVINAS, 2015, pp.8-9). Levinas também deixa evidente uma crítica contundente ao pensamento ocidental, colocando como interface o Ser por meio do Rosto de Outrem que se contrapõe à tendência totalizante.

“A epifania do Rosto é ética”, conclui Levinas em *Totalidade e Infinito* (DOUEK, 2011, p. 161). O filósofo buscou, com sua vida e sua obra, uma recontextualização do humanismo, pois “onde o humano perde a significação, cresce a violência” (SUSIN, 1984, p. 11). No Rosto humano, subverte-se, em certo sentido, toda a tradição filosófica no seu modo de pensar o sujeito a partir do Outro. Suspender e relativizar a centralidade do Eu, dada como obviedade, foi o esforço de sua filosofia, consolidando a questão do Outro como uma questão central no panorama da filosofia contemporânea.

Segundo Pelizzoli (2002, p. 237), podemos entender que possuímos a chave de leitura capaz de adentrar assertivamente no pensamento de Levinas, que se apresenta então como “meta-fenomenologia ética”, sentido primeiro e fundamental da

²⁴ O Rosto, ao se apresentar ao Sujeito em sua vulnerabilidade, como possível alvo de um assassinio, exige uma resposta, uma resposta da qual não se pode negligenciar ou fugir. Respondendo ao Rosto de Outrem respondo por Outrem, isto é, me responsabilizo por ele e essa é a relação ética por excelência na qual a injunção bíblica se transmuta em responsabilidade irrecusável pelo “não matarás”. (DOUEK, 2011, p. 161).



subjetividade, da intersubjetividade e da ética, uma vez que se apresentam imbricados e inseparáveis. A partir de uma descrição fenomenológica, compreendemos o Rosto do próximo que significa uma *responsabilidade irrecusável* (LEVINAS, 2011, p 106).

Concluimos, portanto, que essa filosofia, primeiramente, é fenomenológica, mas ao modo de uma ética e de uma intersubjetividade, para além das filosofias da (auto) reflexão, evitando a perda do entendimento do encontro e os equívocos do discurso da reciprocidade (PELIZZOLI, 2002, p. 214). Ressaltamos, por fim, que a ética em Levinas torna-se uma “interrupção da ontologia” (SEBBAHH, 2009, p. 21) e que Levinas, para além do método fenomenológico, teve a pretensão da sua universalidade, demonstrando que a ética não é fruto da consciência ou da racionalidade, mas um recebimento e uma acolhida, antecedendo a própria fenomenologia, a própria ontologia e qualquer tipo de tematização. A ética, portanto, é constituidora da subjetividade humana (LEVINAS, 2015, p 188).

Muitos outros temas Levinas abordou em *Totalidade e Infinito*. Esperamos, no recorte proposto no presente trabalho, termos cumprido a tarefa de indicar o Rosto e seu apelo ético como âmago do pensamento levinasiano, que desemboca numa inevitável implicação ética e no compromisso irrecusável da responsabilidade pelo outro ser humano. Em Levinas, é no apelo do Rosto que se encontra o despertar para o sentido do humano e da própria Filosofia.

REFERÊNCIAS

- CERBONE, David. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- COSTA, Márcio L. **Levinas: Uma Introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DOUEK, Sybil Safdie. **Paul Ricoeur e Emmanuel Levinas, um elegante desacordo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e Cultura: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- KORELC, Martina. **O problema do ser na obra de E. Levinas**. Goiânia: Editora IU, 2017.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Campinas: Papirus, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem a ideia**. Lisboa: Edições 70, 2007a.



- LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser – ou para lá da essência**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edição 70, 2007b.
- LEVINAS, Emmanuel. **La Teoría Fenomenológica de la Intuición**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edição 70, 2015.
- LEVINAS, Emmanuel. **Transcendência e Inteligibilidade**. Lisboa: Edição 70, 1984.
- MASLOWSKI, Adriano A. **Rosto e Intencionalidade**. Santo Angelo: Editora Metrics, 2021.
- NASCIMENTO, Carlos Eduardo. O apelo ético do Rosto humano em Emmanuel Levinas. p. 267-281. In: SALLES, Denise; ZARDIN, Lucas; SALLES, Sérgio. **Direitos Humanos e Interdisciplinaridade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2022.
- NUNES, Etelvina P. Lopes. **O Outro e o Rosto**. Lisboa: Publicações da UCP, 1993.
- PELIZZOLI, Marcelo L. **A relação ao Outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia 20, 1994.
- PELIZZOLI, Marcelo L. **Levinas – A reconstrução da subjetividade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia 20, 2002.
- POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas**. Tradução de J. Guinsburg, et. al. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RIBEIRO JR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005.
- SALLES, Denise; ZARDIN, Lucas; SALLES, Sérgio. **Direitos Humanos e Interdisciplinaridade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2022.
- SEBBAHH, François-David. **Levinas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico, uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TIMM DE SOUZA, Ricardo. **Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da Filosofia Ocidental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.



* Carlos Eduardo S. Nascimento é bacharel em filosofia (ITESB-BA) e teologia (CEI MATER DEI-TO), licenciado em Filosofia (ICSH-CESB), pós-graduado em Psicologia Clínica (Humanista-Fenomenológica-Existencial), em Psicanálise (UNIARA-SP), mestre em Filosofia (UFG-GO) e doutorando em Filosofia Clínica (INTEGRALIZE-SC). Como filósofo clínico, trabalha como pesquisador, com atendimento terapêutico no Espaço Oásis de terapia on-line e como professor e supervisor na CEFA (Goiânia, GO) e no Instituto Sendtko (Chapecó, SC). Engajado em campanhas pela valorização da vida e prevenção ao suicídio, participa há muitos anos de conferências e palestras em escolas, grupos de jovens, pais e professores. Pesquisa temas como depressão, ansiedade, pânico, ideação suicida, inclusão, direitos humanos e a diversidade LGBTQIA+. Fruto do desejo de ajudar as pessoas em seus sofrimentos, foi o surgimento do livro "Do Cavalo-marinho ao Beija-flor", que se encontra na 4ª edição.